

VILÉM FLUSSER

Da lunática autonomia.

A Segunda Bienal de Ciência e Humanismo prevê um simpósio de quatro dias sobre "Aspectos Humanísticos da Ciência", a realizar-se em outubro deste ano. O terceiro dia deverá versar sobre o tema: "O problema da automação de ponto de vista científico e humano". Sem dúvida este problema abrange a questão crucial da relação entre o homem e a máquina, entendendo-se por "máquina" principalmente os engenhos automatizados. O quanto esta questão já é crucial, e o quanto tende a ser mais excruciante com o tempo, as recentes experiências americanas e russas na Lua, e provam. Mas a prova e as conclusões dela resultantes, que essas experiências ferreces, são duvidosas. Provam essas experiências que as máquinas continuam dependendo do controle humano para o seu funcionamento. E resultam na conclusão que o homem manterá controle sobre a máquina no futuro previsível. Isto é duvidoso, e o é por várias razões, algumas das quais serão mencionadas. Este artigo tratará pois de lado noturno da relação "homem-máquina", lado este que não aparece nos jornais ("diurnais") via de regra. Tratará do aspecto lunático das experiências lunares.

Definamos os termos para o propósito deste artigo. Que "homem" seja um ente que modifica a sua circunstância de acordo com projetos variáveis e substituíveis, e que recorre, nessa modificação, a instrumentos. E que "máquina" seja uma espécie do gênero "instrumento". Digamos ainda que a soma das modificações introduzidas pelo homem na sua circunstância seja "cultura", e que o processo das modificações seja "história da humanidade". Dada a terminologia, a questão se desloca para a consideração do termo "instrumento". Que "instrumento" seja uma parte da circunstância humana que dela foi arrancada pelo homem, a fim de servir ao homem em futuras modificações a serem feitas. Por definição, portanto, o instrumento serve ao homem. E por definição, também, está fixada a relação "homem-máquina", já que a máquina foi definida como uma espécie de instrumento. A dubiedade da definição na situação atual é o problema.

Lancemos, para ilustrar o problema em sua dinâmica, um olhar sobre a história da humanidade. É um processo que se inicia, na definição proposta, há pouco mais de um mil anos, e o início é atestado por certos ossos e certas pedras. Esses ossos e pedras são os instrumentos dos quais o homem se serve para modificar a sua circunstância e iniciar o processo da história da humanidade. Como sabemos que estes objetos são instrumentos? Não o sabemos com certeza, mas podemos supô-lo. Podemos fazê-lo por várias razões, duas das quais são estas: os objetos são encontrados amenteados como que propositadamente, e os objetos podem ser encarados como simulações de certos órgãos do corpo humano. A primeira razão aponta um projeto humano. A segunda é a que interessa para o presente argumento. Uma mandíbula de tigre provida de alguns dentes pode ser encarada como simulando a dentadura humana. Uma pedra redonda e pesada como simulação de punho humano. Um osso comprido e agudo como simulação de dedo humano. E

VILÉM FLUSSER

será assim, como simulações de órgãos do corpo humano, que estes objetos poderão ser encarados como instrumentos. Que quer dizer "simulação"? Imitação de um original, na qual um determinado aspecto do original é exagerado, e os demais são desprezados. A mandíbula de tigre simula a dentadura humana, porque exagera o tamanho dos dentes humanos, e despreza outros aspectos, por exemplo a sua capacidade de moer alimentos. A pedra simula o punho, já que exagera seu peso e despreza a sua capacidade de abrir-se em palma. O aço simula o dedo, já que exagera ~~xxxxxx~~ a sua capacidade de perfurar e despreza inúmeras outras capacidades. A simulação ultrapassa em capacidade o original no aspecto exagerado, e nos demais aspectos é muito inferior a ele. Instrumentos são simulações do corpo humano neste sentido. Flexas, balas de revólver e mísseis guiados simulam dedos, rodas, locomotivas e Beeings simulam pernas, e martelos, balas de canhão e bombas atômicas simulam punhos. Sob este prisma a história da humanidade pode ser vista como crescente exagero de certos aspectos dos órgãos humanos. Este processo não problematiza, no entanto, a relação "instrumento-homem". Como organização o homem continua sendo infinitamente superior aos seus instrumentos, e o punho humano infinitamente mais complexo que a bomba atômica, por complexa que seja.

Os primeiros ossos e as primeiras pedras atestam uma primeira revolução na história da humanidade, uma revolução que permite que essa história se inicie. É uma revolução pela qual o homem se torna capaz de simular seus órgãos em objetos externos ao seu corpo. É sob o signo dessa revolução que se dá quase toda a história da humanidade. Mas no decorrer das últimas centenas de anos ocorreu uma segunda revolução, (chamada, tradicionalmente, "revolução industrial"), pela qual os instrumentos se modificaram essencialmente. A revolução consiste, fundamentalmente, na introdução de um elemento teórico na simulação de órgãos humanos em objetos externos. O homem não visa mais, ao fazer instrumentos, simular órgãos mais ou menos diretamente. Mas visa de agora simular esses órgãos passando pelo intermédio de teorias. Que sejam chamados "máquinas" esses instrumentos que passaram pelo crivo da teoria. Embora continuem sendo instrumentos, são as máquinas uma espécie essencialmente diferente. Uma análise fenomenológica do instrumento revelará, como sua essência, o original simulado. A mesma análise de uma máquina revelará na essência, além disto, uma determinada teoria. Um tear manual e um tear mecânico revelarão, ambos, dedos humanos que tecem. São, ambos, instrumentos. Mas o tear mecânico revelará, além disto, uma teoria da física do século 18. É máquina esse instrumento.

O elemento teórico introduzido no instrumento pela revolução industrial tem vários efeitos profundos sobre a história da humanidade. Mencionarei apenas três dentre eles. O primeiro diz respeito à provisoriidade de toda teoria. Na medida na qual são aperfeiçoadas e substituídas teorias, modificam-se as máquinas que passam pelo seu crivo. É a isto que se chama "progresso". A

VILÉM FLUSSER

cultura passa a ser rapidamente progressiva, e, se quizerem, progressista. O segundo efeito diz respeito à eficiência da simulação teoretizada. As máquinas passam a superar, em medida gigantesca, a eficiência dos órgãos humanos que simulam. E, neste sentido, passam a instaurar-se como transhumanas. O terceiro efeito diz respeito à complexidade da máquina, portanto ao seu custo e à dificuldade de operá-la, (de se servir dela). É a segunda parte deste terceiro efeito que interessa para o presente argumento.

Embora a organização humana continue infinitamente mais complexa que a organização de não importa que máquina, a complexidade da máquina é suficiente para modificar a estrutura da relação "instrumento-homem". Antes da revolução industrial essa estrutura é esta: o homem cercado pelos seus instrumentos. Depois da revolução industrial essa estrutura é esta: a máquina cercada pelos homens, alguns dos quais ocasionalmente entram máquina adentro. Essa estrutura permite uma interpretação vacilante da relação "máquina-homem". Continua sendo possível dizer-se que o homem se serve da máquina como de instrumento, dada a maior complexidade da organização humana, e dada a impossibilidade da máquina de funcionar sem o controle humano. Mas torna-se possível agora dizer-se também que a máquina é servida por homens, dada a posição central que ela ocupa. A relação "máquina-homem" tornou-se problema. O problema não é, no entanto, extremamente grave. A relação estrutural "máquina-homem" é dúbia, mas a relação genética "homem-máquina" é clara: o homem criou a máquina pelo seu projeto e é responsável por ela. A consideração diacrônica supera a consideração sincrônica, e o homem continua sendo "dono" da máquina, sendo este o tema do século 19: quais homens são os donos da máquina, e quais devem sê-lo.

No decorrer dos últimos vinte ou trinta anos, aproximadamente, ocorreu uma terceira revolução, (a "automação"), que torna arcaicas as considerações anteriores, inclusive o tema do século 19 mencionado. Essa revolução inverte, na relação "homem-máquina", a ordem entre explicação diacrônica e sincrônica, e torna a estrutura da relação, e não a sua genética, critério decisivo. E consegue fazê-lo ao evocar o espectro da autonomia. A revolução consiste, fundamentalmente, no surgir de máquinas que são instrumentos que simulam decisões humanas, (e não órgãos humanos). Essas máquinas continuam sendo simulações, isto é: imitam decisões humanas, exagerando certos aspectos e desprezando outros. As máquinas cibernéticas são, portanto, infinitamente menos complexas que organizações humanas correspondentes. Mas justamente por serem mais simples, são as decisões tomadas por essas máquinas muito mais nítidas, isto é: mais rápidas, mais conclusivas, em suma: mais decisivas. Por serem essas máquinas muito mais idióticas que o mais idiota dos homens, são elas muito mais eficientes. E o espectro da autonomia que invocam é este:

Explicações genéticas explicam uma dada estrutura por outra estrutura da qual a primeira surgiu. Por exemplo: explicam a máquina a partir do homem. Tais explicações são sempre boas, desde que visemos compreender como surgiu a esta

VILÉM FLÜSSER

turá a ser explicada. Mas tais explicações não são sempre boas, desde que queiramos compreender como funciona a estrutura a ser explicada. Não são boas, nos casos nos quais a nova estrutura assumiu autonomia em relação à estrutura da qual surgiu. Por exemplo: explicar o homem a partir dos primatas é uma boa explicação, para quem quer saber como o homem surgiu. Mas não é boa explicação para quem quer saber como o homem faz instrumentos automatizados. Porque o homem se autonomizou dos primatas. "Autonomia" quer dizer o seguinte: estruturar-se de acordo com regras que não estão explicitamente contidas na estrutura precedente. O homem pode estruturar-se de acordo com regras que estão, todas elas, implícitas nos primatas. Mas algumas dessas regras, (por exemplo as regras da lógica), tornam-se explícitas apenas no homem. Neste sentido o homem é autônomo, e independente dos primatas. E neste mesmo sentido os primatas não são "responsáveis" pelo homem. Querer explicar geneticamente, (diacrónicamente), o comportamento humano, é querer desprezar os aspectos especificamente humanos do homem. Não é uma boa explicação, e deve ser pelo menos acrescida de outra.

Pois no curso do século 19 e na primeira metade do século 20 as explicações diacrónicas da máquina eram boas. Eram boas, porque as máquinas não se tinham autonomizado, decisivamente, do homem. O homem continuava responsável por elas, continuava sendo "dono". E se havia problemas na relação estrutural "máquina-homem", (isto é nas explicações sincrónicas), esses problemas podiam ser desprezados como superáveis. Mas pela revolução recente as máquinas tendem a autonomizar-se. Tendem a estruturar-se de acordo com regras que, embora implícitas, não são explícitas na estrutura humana. E na medida na qual isto acontece, o homem deixa de ser responsável por elas. Em nada adianta dizer, em tal situação, que o homem projetou as máquinas e continua, (ainda), programando o seu funcionamento. Porque a tendência aponta uma situação, na qual as máquinas programarão o homem, (e já o estão fazendo parcialmente), e outra, mais afastada, na qual as máquinas projetarão um novo homem. Nessa visão lunática explicações diacrónicas falham. Nada podemos aprender da "história" em situações como esta. E apenas por explicações sincrónicas, ("estruturalistas"), que podemos tentar manter o controle. O desfecho da relação "máquina-homem" é imprevisível. Quando se torna imprevisível o desfecho de um processo, o processo é dito "em crise". O homem está, com relação à máquina, em crise, crise essa que é aspecto da crise da ciência da qual Husserl fala. Não tenho dúvida que o simpósio que mencionei tratará do problema, e procurará contribuir para a superação da crise.

3 revoluções tecnológicas:

- 1) Instrumento e simulação
- 2) Revolução icônica (introdução de um elemento teórico)
- 3) Automação: máquinas simulam nossas decisões.

Máquinas programadas pelo homem
máquinas projetadas por novo homem.
Explicações diacrônicas faltam
e somente explicações sincrônicas - contextualistas podem contar.
Estamos em crise, crise da ciência, em relação à máquina